

Invasão ou ocupação? Questionamentos nas redes sociais sobre os termos utilizados nas manchetes da Folha Online relativos ao movimento Não Fechem Minha Escola, sob a ótica da Media Literacy

Invasion or occupation? Questions in the social media about the terms used in the Folha Online headlines related to the movement Don't Close My School from the perspective of Media Literacy

¿Invasión u ocupación? Cuestionamientos en los medios digitales sobre los términos utilizados en los titulares de la Folha Online para el movimiento No Cerren Mi Escuela, desde la perspectiva de la alfabetización mediática

Maximiliano Martin Vicente

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

maxvicente@uol.com.br

Christiane Delmondes Versuti

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

christianedversuti@hotmail.com

Fecha de recepción: 28 de marzo de 2017

Fecha de recepción evaluador: 15 de abril de 2017

Fecha de recepción corrección: 3 de mayo de 2017

Resumo

O presente artigo busca discutir a literacia midiática como base para compreensão e avaliação crítica das informações fornecidas pelos *media*, bem como o uso dessas informações pelos cidadãos e produção de conteúdos próprios, em defesa e garantia de direitos, apontando para a importância de sua presença no ensino básico. Para tal, foi escolhido o caso da cobertura da Folha Online sobre o movimento dos estudantes contra a reorganização das escolas públicas de São Paulo, paralelamente a um vídeo postado na *fan page* do movimento Não Feche Minha Escola, no qual uma aluna corrige o repórter ao afirmar que o termo correto é “ocupação” e não “invasão”. Esse vídeo repercutiu nas redes levantando discussões e problematizações sobre o termo utilizado pela grande mídia, levando a um questionamento direto à Folha Online que passou a também usar o termo “ocupação” após o ocorrido.

Palavras-Chave: *Media Literacy*; Folha Online; Ocupação dos Estudantes nas Escolas Públicas de São Paulo; Cidadania; Educação.

Resumen

En este artículo se analiza la alfabetización mediática como base para la comprensión y valoración crítica de la información proporcionada por los medios de comunicación y el uso de dicha información por los ciudadanos y producción de contenidos propios, la defensa y garantía de los derechos, que apunta a la importancia de su presencia en la educación básica. Con este fin, se eligió el caso de la cobertura de la Folha de São Paulo Online acerca del movimiento estudiantil contra la reorganización de las escuelas públicas de Sao Paulo, junto con un video publicado en el movimiento de la página de fans No Cerren mi Escuela, en el que una estudiante corrige el reportero afirmando que el término correcto es "ocupación" y no "invasión". Este video repercutió en las redes y provocó discusiones y problematizaciones sobre el término utilizado por los medios de comunicación, lo que llevó a un cuestionamiento directo a la Folha Online que también pasó a utilizar el término "ocupación" después del hecho.

Palabras clave: Alfabetización Mediática; Folha Online; Ocupación de los Estudiantes en las Escuelas Públicas de São Paulo; Ciudadanía; Educación.

Abstract

This article aims to discuss media literacy as a basis for understanding and critically assessing the information provided by the media, as well as the use of this information by citizens and the production of their own content, in defense and guarantee of rights, pointing to the importance of their presence in the basic education. For that, the case of Folha Online's coverage of the students' movement against the reorganization of public schools in São Paulo was chosen, along with a video posted on the fan page of the

movement Don't Close My School, in which a student corrects the reporter to the correct term is "occupation" and not "invasion." This video had repercussions in the networks raising discussions and problematizations about the term used by the mainstream media, leading to a direct questioning to Folha Online that started to use the term "occupation" after the event.

Keywords: Media Literacy; Folha Online; Student Occupation in the Public Schools of São Paulo; Citizenship; Education.

Introdução

O artigo apresenta a importância da literacia midiática na compreensão e discussão do porque determinados veículos de mídia optam pelo uso de um termo ao invés de outro, influenciando a interpretação do leitor sobre fatos e notícias. O caso escolhido para este trabalho foi o tratamento das manchetes da Folha de São Paulo online sobre a ocupação das escolas públicas de São Paulo, que ocorreu como forma de manifestação contra a reorganização das escolas públicas apresentada pelo governador Geraldo Alckmin. Em suas manchetes o referido jornal online utilizava o termo “invasão” e não “ocupação”, fato que causou discussões nas mídias sociais e questionamento direto à Folha sobre tal escolha de palavras.

Para tal, foi realizado um levantamento das manchetes utilizadas pela Folha de São Paulo Online¹ e também de uma publicação específica da página do movimento Não Fechem Minha Escola², no Facebook, pela qual os estudantes participantes e simpatizantes das manifestações se comunicavam e se organizavam, publicando textos e vídeos sobre o interior das ocupações. A publicação destacada se trata de um vídeo no qual uma aluna entrevistada pela grande mídia corrige o repórter que utiliza o termo “invasão”, e alega que o correto é “ocupação”.

Atenta-se para o fato desse vídeo ter alcançado grande circulação nas mídias sociais, causando discussões e problematizações acerca da escolha das palavras utilizadas pela grande mídia ao noticiar o movimento dos estudantes, e sobre a forma pela qual o próprio movimento dava nome às suas ações, buscando reafirmar com o termo “ocupação” que os estudantes apenas estavam num espaço já pertencente a eles, lutando por sua educação.

Procura-se ainda demonstrar que as discussões levantadas relacionam-se amplamente com questões relativas a *media literacy*, pois tratam de questões como o acesso à informação, principalmente via internet e mídias sociais; sobre a capacidade de utilizar os *media* e compreendê-los de maneira crítica, avaliando as informações e os

discursos dispostos; e também acerca da competência de utilizar os *media* para criar, se comunicar e participar ativamente como cidadão em busca de seus direitos.

Além disso, pretende-se apontar um caminho no qual a própria escola ofereça uma formação que contemple competências sobre literacia midiática, afim de que, o cidadão, desde sua juventude escolha, passe a ser capaz de consumir, avaliar, compreender, criar e participar através dos *media*, impactando a sociedade onde vive.

Literacia Midiática: pontos de partida, conceitos e importância para a educação

Colocado o tema central do trabalho, é importante fazer a distinção entre alguns conceitos base, como: 1) Dados; 2) Informação e; 3) Conhecimento. De acordo com Beluzzo (1999) dados são meramente descritivos e não fornecem julgamento e nem interpretações dos fatos registrados, já a informação compreende a transformação de dados em uma mensagem organizada, que possui uma finalidade, e isso implica na agregação de valor; e o conhecimento é o resultado da experiência humana, com origem e aplicação na mente das pessoas, e depende da internalização e interpretação de cada um.

Em relação a isso é interessante refletir sobre a informação e pensar em suas formas de acesso, de uso, avaliar sua utilidade, ponderar quais delas são relevantes para tomadas de decisão e também saber como recuperar informações.

As notícias online são bons exemplos, pois a internet é um canal ao qual nem todos possuem acesso ou sabem utilizar; as notícias colocadas nesse meio devem ser sempre avaliadas quanto à sua autenticidade; cada um pode fazer um uso diferente das informações que consome, guardar para si, comentar, compartilhar, discutir em fóruns online ou grupos de amigos de maneira presencial etc; e em relação à recuperação, na internet se torna muito mais fácil buscar e salvar informações.

A partir dessas distinções e reflexões, segue-se para a apresentação do conceito de *media literacy*, que segundo Perez Tornero e Tapio Varis (2010, p. 74), é composto pelos seguintes elementos: acesso, compreensão e criação. Para tais autores, se trata da “capacidade de realmente usar os *media*, de os compreender criticamente e de ser capaz de avaliar informação e finalmente de criar, comunicar e participar”.

Para os mesmos autores (Tornero & Varis, 2010), a organização das competências de literacia mediática são divididas em três níveis: 1) Uso dos *media*: no qual os autores distinguem o acesso físico aos *media* do acesso aos conteúdos; 2) Compreensão crítica: que se refere às capacidades e competências de ler, compreender e avaliar o conteúdo mediático. Relaciona-se com a consciência de oportunidades e condições oferecida pelos *media* e está num nível mais elevado, bem como o pensamento crítico, a autonomia

personal e a capacidade de resolución de problemas; 3) Competência comunicativa: terceiro e o mais elevado nível, incluíndo competências de criação e produción de contéudos, que poden ser difundidas através de diferentes formatos e plataformas. Neste último nível, assim como colocam os autores, están incluídas competências de creación, expresión, semiótica e sociais.

Já como colocado pela Comissão Europeia (2007), *media literacy* sería “a capacidade de acceder aos *media*, de comprender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos *media* e dos seus contéudos e de crear comunicacións em diversos contextos”.

E de acordo com Bévort & Belloni (2009), *media literacy* pode ser definida como a “formação para a compreensão crítica das mídias, mas também se reconhece o papel potencial das mídias na promoção da expressão criativa e da participação dos cidadãos, pondo em evidência as potencialidades democráticas dos dispositivos técnicos de mídia” (Bévort & Belloni, 2009, p. 1087).

Elencadas tais noções sobre *media literacy* é possível retornar à questão de que apenas garantir o acesso à informação não basta, e por isso a importância e necessidade de uma formação que permita ao cidadão compreender as informações e utilizá-las para refletir criticamente e atuar em seu dia a dia.

Assim, como colocado por Roseane Andrelo e Wanessa Bighetti, é preciso:

[...] oferecer aos cidadãos, em especial aos jovens, a formação necessária para saber analisar e utilizar as informações disponibilizadas pela mídia. Nesse sentido, é preciso que o cidadão, desde a infância e por meio da educação, seja capacitado a extrair da informação subsídios para pensar seu cotidiano de maneira crítica e agir de forma engajada e inclusiva. (Andrelo & Bighetti, 2015, p. 29).

Para as autoras, a educação para a mídia deve ter início ainda na idade escolar e deve estar integrada à grade curricular, de maneira que o desenvolvimento de habilidades para lidar com a enxurrada de informações do mundo moderno se torne algo natural, uma capacidade intrínseca ao cidadão. (Andrelo & Bighetti, 2015, p. 28).

Nesse sentido, de acordo com Bévort e Belloni (2009), a importância da *media literacy* está presente em diversas instâncias como: lidar com a onipresença das mídias na vida social; lutar contra as desigualdades de acesso às diferentes mídias; para a formação de competência crítica; para uso das informações disponibilizadas pela mídia, considerando também os elementos político-econômicos que estruturam tais informações.

Além disso, pode-se dizer que com a obtenção de competências informacionais advindas dessa formação às mídias é possível empoderar o cidadão com habilidades de acesso, leitura, seleção, interpretação e produção de contéudos e consolidação de sua participação como cidadão.

Nesse ponto é importante retomar o conceito de cidadania, que de acordo com Hack (2002, p. 7), em suas múltiplas dimensões, pode ser entendido como a participação social para o conhecimento e exercício de direitos e deveres, e também para a proteção e garantia de tais direitos e deveres. Em relação a isso, para Yamamoto (2009, p. 31-32), a participação é vital para a prática da cidadania, e essa participação ocorre através do debate coletivo sobre temas e assuntos que afetam os indivíduos de forma geral, tanto em contextos micro como macro sociais. A partir da concepção de cidadania enquanto participação, pode-se expandir a construção de uma cultura democrática para dimensões socioeconômicas.

E conforme Duarte, “o direito à comunicação passa necessariamente pela participação do cidadão como sujeito ativo em todas as fases do processo de comunicação, tornando-se, também, emissor.” (Duarte, 2009, p; 106). Porém, para que tal participação seja possível a educação para as mídias torna-se elemento essencial.

É preciso desenvolver nos cidadãos a competência informacional, para que sejam capazes de reconhecer em que momento determinada informação é necessária e possuir a habilidade de localizar, avaliar e utilizá-la efetivamente, e, além disso, utilizar aquela informação de maneira que outras pessoas também possam aprender com ela. (American Library Association, 1989).

Sobre competência informacional, de acordo com Stern (2002, p. 6), uma pessoa competente no uso da informação é capaz de: 1) Tomar consciência da sua necessidade de informação; 2) Encontrar informação necessária; 3) Avaliar a qualidade de diferentes fontes de informação; 4) Utilizar eficazmente a informação em função de um objetivo dado; 5) Gerar informação de um modo socialmente aceitável.

Para que tal competência informacional seja adquirida, mais uma vez se coloca a importância do *media literacy* nas escolas, ainda mais levando-se em conta a forte presença da internet e o excesso de informações disponíveis. Em relação a isso Viera (1998), Dowbor (2000) e Demo (2000) alertam para o fato dos indivíduos absorverem informações que, muitas vezes, têm credibilidade duvidosa. Dessa forma, pode-se destacar também a necessidade de saber processar a informação e do desenvolvimento da capacidade reflexiva e crítica diante das informações disponíveis.

Nesse sentido, Monteiro (2000) observa que a internet é como uma grande vitrine de informações, mas não de conhecimento. E como colocado por Cruz (2008)

Ter acesso ao oceano de informação é algo fascinante. Com apenas alguns cliques podemos acessar informação de qualquer parte do mundo, sem precisar sair do lugar. Com isso, uma das principais dificuldades que a sociedade da informação nos coloca é a de saber selecionar entre milhões de informações disponíveis. (Cruz, 2008)

Assim, é preciso discutir não apenas o acesso à Internet, mas o que é feito quando os indivíduos mantêm contato e se apropriam de conteúdos para a construção de novos conhecimentos. De acordo com Pretto (2001) é preciso preparar as pessoas para usarem os computadores e a rede, sem desvincular a alfabetização tecnológica da formação básica.

Abordadas as questões sobre literacia midiática e também sua importância na educação básica dos cidadãos, a próxima etapa do trabalho busca evidenciar como essa mesma literacia impactou a forma e as manchetes do Jornal Folha de São Paulo Online ao noticiar as manifestações dos estudantes contra a proposta de reorganização das escolas públicas de São Paulo.

Manchetes da Folha e o vídeo de Elena: a transformação de “invasão” em “ocupação”

Foram selecionadas as manchetes vinculadas pela Folha Online em relação às ocupações das escolas públicas de São Paulo, realizada principalmente por estudantes, e observou-se que as primeiras notícias receberam manchetes com o termo “invasão”.

Essas notícias são datadas de 11 e 17 de novembro de 2015, conforme mostram as imagens a seguir.

Imagem 1.

educação

Estudantes mantêm invasão de escola estadual em SP



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1704798-estudantes-mantem-ocupacao-de-escola-estadual-em-sp.shtml>

Imagem 2

educação

Invasão de 25 escolas estaduais atinge ao menos 26 mil alunos em SP



FELIPE SOUZA
JULIANA GRAGNANI
DE SÃO PAULO

17/11/2015 @ 02h00

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1707369-invasao-de-25-escolas-estaduais-atinge-ao-menos-26-mil-alunos-em-sp.shtml>

As notícias sobre as ocupações já geravam certa repercussão nas mídias sociais nesse período, e no dia 18 de novembro de 2015, na página do Facebook “Não Fechem Minha Escola” foi publicado um vídeo sobre a realização de uma entrevista da Rede Globo em uma das escolas ocupadas, na qual a aluna de ensino médio entrevistada, Elena, corrigiu o repórter que utilizou o termo “invasão”, quando o correto seria “ocupação”, pois a escola já pertence aos alunos, e não há como invadir um espaço que já é deles por direito.

Essa parte do vídeo viralizou na internet após sua publicação no grupo, levantando a problematização sobre o uso do termo “invasão” utilizado pela grande mídia, que dava um tom criminoso à manifestação dos estudantes, enquanto o movimento contra a reorganização utilizava a palavra “ocupação”, defendendo que estavam apenas ocupando um lugar que já lhes pertencia.

O trecho do vídeo citado pode ser visto através do link: <https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/videos/vb.1485355621759400/1494046334223662/?type=2&theater>. Seguem imagens retiradas do vídeo, com legendas.

Imagem 3



Fonte: <https://www.facebook.com/naofecheminhaescola/videos/vb.1485355621759400/1494046334223662/?type=2&theater>

a percepção dos leitores e expectadores sobre o ato dos estudantes, dando um tom negativo.

Após a circulação do vídeo, ocorreu o questionamento direto à Folha Online sobre suas manchetes com termo “invasão” presente em sua cobertura sobre o movimento dos estudantes. Tal questionamento se deu no dia 19 de novembro de 2015 no espaço “Painel do Leitor”, no site da Folha, com a seguinte pergunta “Porque a Folha insiste em usar o termo “invasão” para se referir a estudantes que estão nas escolas nas quais estão matriculados?”.

O jornal publicou a pergunta recebida, mas não ofereceu resposta. Além disso, vale acrescentar que a Folha Online possui ainda uma *fan page* específica apenas para o Painel do Leitor, porém, essa questão não foi colocada na referida página, o que dificultou o acesso à questão e impossibilitou maiores reflexões e discussões sobre o assunto.

Imagem 5



Fonte: <http://m.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/11/1708239-por-que-a-folha-usa-o-termo-invasao-quando-se-refere-a-estudantes-que-estao-nas-escolas-questiona-leitor.shtml?mobile>

Mesmo sem oferecer resposta ao leitor, após o questionamento a Folha adotou outra postura em relação às manchetes sobre a manifestação dos estudantes, passando a utilizar o termo “ocupação”, como é possível notar na matéria seguinte, datada de 24 de novembro de 2015.

Imagem 6

educação

Ocupação de escolas em SP sobe 40% em dia de exame e atinge 151 unidades



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1704798-estudantes-mantem-ocupacao-de-escola-estadual-em-sp.shtml>

É preciso salientar que as manchetes colocadas pela Folha Online e o vídeo publicado na *fan page* Não Fechem Minha Escola são apenas um pequeno fragmento de tudo o que foi produzido, veiculado e discutido sobre a proposta de reorganização das escolas públicas de São Paulo e sobre os movimentos de ocupação dos estudantes contra a reorganização.

Porém, mesmo com essa pequena amostrar, é possível notar que todo o percurso realizado, desde as primeiras ocupações realizadas pelos estudantes; sua organização e comunicação estruturada via mídias sociais; a cobertura da Folha Online até sua mudança de discurso frente ao questionamento do leitor e às discussões presentes nas mídias sociais digitais, demonstram relação com a questão da literacia midiática, trabalhada no início do texto com base em autores como Bévort e Belloni (2009), Tornero & Varis (2010), e de acordo com o definido pela Comissão Europeia (2007).

Ele perpassa desde o fator do acesso às informações; posteriormente à capacidade de seleção, compreensão e avaliação crítica do que os *media* apresentam de informação e como apresentam seus conteúdos, discussões e problematizações acerca das notícias e

discursos inerentes a elas, até mesmo questionando de forma direta seus produtores; e por fim, demonstrando a capacidade de criação e comunicação, por meio de conteúdos próprios com o objetivo de lutar por direitos e transformar a realidade.

Ressalta-se ainda que o ocorrido se dá em relação ao direito à educação e que o movimento é articulado em sua maioria por estudantes do ensino médio. Esses estudantes aparecem como já capacitados ao acesso, avaliação, utilização e produção de informações e conteúdos, como cidadãos em defesa de seus direitos, o que poderia ser ampliado com a inserção da *media literacy* na educação de base.

Considerações

Como é possível notar, as manchetes da Folha Online sofreram alterações após as discussões, problematizações e questionamentos levantados a partir de um simples vídeo editado e publicado pelos estudantes, participantes do movimento político e social contra a reorganização das escolas públicas. Tal mudança demonstra a importância da literacia midiática para a compreensão e uso de informações, e também como ferramenta de defesa de direitos.

As notícias e conteúdos sobre as manifestações também faziam e ainda fazem parte da enxurrada de informações que o mundo moderno nos traz, o que reforça a necessidade de, desde a escola de base, educar o cidadão para lidar com o excesso de informações e saber selecioná-las e avaliá-las criticamente, considerando também elementos políticos e econômicos. Tais competências informacionais empoderam o cidadão para que possa acessar, ler, selecionar, interpretar e produzir conteúdos, consolidando sua participação cidadã ao passo que se utiliza dessas competências pela garantia de seus direitos.

Através desse caso buscou-se problematizar questões relativas a capacidade dos indivíduos de usar os *media*, compreendê-los criticamente e serem capazes de avaliar as informações disponíveis; para que possam dialogar, criar conteúdos e participar de forma ativa, crítica e consciente.

No mundo cada vez mais conectado, a importância do domínio das linguagens e formas de expressão tornam-se fundamentais na educação e em outros aspectos da vida, por isso também é um dos pontos do artigo apontar a inserção da *media literacy* no ensino básico como impulsionador do empoderamento do cidadão.

Por fim, procura-se destacar a importância da alfabetização midiática informacional (AIM, termo utilizado pela UNESCO), pois essa alfabetização é necessária na educação da própria sociedade, para que os indivíduos sejam capazes de reconhecer quais informações são necessárias; para que saibam localizar e recuperar informações de maneira eficiente e eficaz; selecionar, organizar e avaliar as informações coletadas; e

finalmente, para que saibam usar, aplicar, reproduzir e criar conteúdos, com objetivos de tomadas de decisão, resolução de problemas; e defesa e garantia de direitos.

Referências

- Andrelo, R. & Bighetti, W. V. F. (2014). Media literacy, memória e eleições - como jovens interpretam o apelo à memória na campanha presidencial de 2014. *Comunicação & Educação*. Ano 20. N. 2 – 2º Sem. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/86953>> Acesso em: 15/03/2017.
- Association of College & Research Libraries (ACRL). (2000). Normes sur les compétences informationnelles dans l'enseignement superior. Traduit de l'anglais par le Groupe de travail sur la formation documentaire du Sus-comité des recteurs et des principaux des universités du Quebec. Disponível em: <<http://www.crepuq.qc.ca/IMG/pdf/normeacrl-web-03-05-v4.pdf>>. Acesso em: 15/10/2015.
- Belluzzo, R. (1999). Da iniciação em pesquisa à comunicação e divulgação científicas na era do conhecimento. Bauru, 1999. Material distribuído em sala de aula. Não publicado.
- Bévort, E.; Belloni, M.L. (2009). Mídiaeducação, conceitos, história e perspectivas. *Revista Educação e Sociedade*, set./dez. 2009, p. 1087. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 15/03/2017.
- Comissão Européia. (2007). Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões - Uma abordagem europeia da literacia mediática no ambiente digital. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/legalcontent/PT/TXT/?uri=CELEX:52007DC0833>> Acesso em: 15/03/2017.
- Cruz, J.. (2008). Processo de Ensino-Aprendizagem na sociedade da informação. *O Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1023-1042, set./dez. 2008 1023. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a05^>> Acesso em: 16/03/2017.
- Demo, P. (2000). O que aprender, afinal?. In: DEMO, P. *Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- Dowbor, L. (2000). A educação frente às novas tecnologias do conhecimento. *Artigos on-line*.

- Hack, O. H. (2002). Apresentação. In: Um olhar sobre cidadania. São Paulo: Mackenzie, 2002. p. 7. (Coleção Reflexão Acadêmica).
- Stern, C. M. (2002). La maitrise de l'information « déconnectée: éduquer à l'information sans recourir aux technologies. Prague, République Tchèque: Unesco, 2002.
- Tornero, J.; Celot, P. & Varis, T. (2010). Current trends and approaches to media literacy in Europe. Disponível em: <http://ec.europa.eu/avpolicy/media_literacy/studies/index_en.htm>. Acesso em: 15/03/2017.
- Viera, L. S (1998). Uso da informática na criação de ambientes integrados de aprendizagem. In: Congresso da Ribie - Rede Iberoamericana de Informática Educativa, 4., 1998, Brasília, DF.

Notas

¹ www.folha.uol.com.br/

² www.facebook.com/naofecheminhaescola/?fref=ts